

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Presidente da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V — Número 1.464

Domingo, 2 de Setembro de 1923

RECO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 115

DEP. LEG

A sociedade capitalista
não quiz morrer sem
nos deixar mais uma
guerra com todos os
seus horrorosos frutos

OS ELECTRICOS

A presente vereação, que tam formosos projectos tem concebido e tantas promessas de vida deliciosa tem feito aos municipios, vai ser posta à prova

AO tanto os assaltos que se preparam contra a magra algibeira dos consumidores que nós, francamente, vimos que a nossa pena por mais veloz, por mais rápida que sobre o papel corra, fustigando este ou aquél patife, este ou aquél magnate, não pode acompanhar, em ligeireza, a ligeireza com que nos roubam.

Ainda a grande ferida aberta pelo aumento do preço do pão está sangrando, já um novo crime, um hediondo atentado contra o desgraçado consumidor, se prepara com afan.

A Companhia Carris, que a vereação transacta acarinhou e favoreceu escandalosamente, quer mais dinheiro. Não há muito tempo que o poderoso Sindicato de Santo Amaro extorquin, por duas vezes quase seguidas, um aumento considerável no custo das tarifas, abalando profundamente a economia doméstica da desgraçada população de Lisboa, que tem aturado todos os roubos, todas as infâncias com uma paciencia digna dum S. Francisco de Assis.

A nova vereação que, ao entrar na Câmara Municipal, assomou o lisboeta com projectos sedutores, intenções admiráveis que nos deslumbraram e discursos primorosos de sensatez, e que afinal ainda não realizou senão a troca das horas do despejo do lixo que, se não nos incomodou também não nos beneficiou, encontra-se colocada numa melindrosa situação moral perante o caso do aumento de tarifas ora solicitado pela ambiciosa Carris.

Esta vereação não escondeu sua indignação, aliás muito justa, muito respeitável, pelos actos da vereação que a antecedeu, daquela vereação que atingiu o cínculo no escândalo na subserviência ante os poderosos e o máximo no desinteresse ante as queixas dos humildes. Esta vereação que projectou para o municipio nua vida de lícias, não pode, por princípio algum, favorecer, como a outra vereação favoreceu, uma companhia que toda a gente sabe ser riquíssima, embora para atestar a sua pobreza se sirva escandalosamente de escritas viciadas, como por si constou.

A moral da presente vereação está posta à prova. Os municipios que abram os olhos e que se preparem—para uma nova desilusão.

Os empregados no comércio

Iniciam hoje no Porto o seu 8.º Congresso corporativo

«A Batalha» dirige aos congressistas as suas saudações

Em sucessivos artigos e entrevistas tem «A Batalha» posto em destaque a importância que este ano vai assumir o VIII. Congresso Nacional dos Empregados no Comércio, já pelos assuntos transversais de que vai tratar, já pelo número elevado de delegados que agrupará.

A Batalha saúda os intemperantes lutadores do caixeteiro que hoje se reúnem, fazendo ardentes votos pelo desenvolvimento da classe dos empregados no comércio.

Estamos convencidos de que desse congresso esta classe que, apesar de uma minoria consciente e forte, tem arredada tem andado do caminho que deve trilhar, se integrará mais nos princípios sindicalistas, formando ao lado das outras classes que tendem à sua emancipação.

A lista dos delegados que publicamos a seguir é duma grande eloquência e demonstra que podemos ter confiança numa classe que desperta para a luta.

Organismos e jornais que se fazem representar no 8.º Congresso dos Empregados no Comércio

Junta Executiva (Zona Sul) da F. P. E. C., Fausto Gonçalves; Junta Executiva (Zona Norte) da F. P. E. C., Júlio Gonçalves Pereira; Firmino Cardoso, José Silveira Bastos, Mário Gonçalves Pereira e Adelina Ferreira Guimarães; Conselho Geral (Zona Norte) da F. P. E. C., José Lopes Pires Júnior, Torquato Martins e Umberto Gonçalves; Conselho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C., Francisco Rodrigues Loureiro; Cores de Resistência dos Caixeteiros Portugueses (Zona Sul), Eduardo Relvas.

Caixeteiros de Lisboa, João Ferreira Cabecinha; Caixeteiros de Leiria, José Lino Franco; Elvas, Rui Faria; Associação de Classe dos Caixeteiros de Torres Novas, Augusto Machado; Tomar, Bertolino Simões da Silva; Empregados no Comércio de Santarém, José Caetano Fragoso; Empregados no Comércio de Castelo Branco, Manuel Rodrigues; Empregados no Comércio de Setúbal, António Rebocho Pais, Vila Real de Santo António, Manuel da Cruz Vas Marques.

Ateneu Comercial de Coimbra, Raúl Adolfo Correia; Amarante, Américo Taveira de Vasconcelos; Empregados no Comércio da Régua, Joaquim Carvalho e António Augusto da Silva.

De Chaves, João Teixeira Chaves e José Gomes; Fafe, Frederico dos Fonseca; Lamego, José Flisa Magalhães e David Fernandes Sousa e Costa; União dos Empregados no Comércio do Porto, Manuel Dias da Costa Azevedo; Luis Carvalho e Pedro Gonçalves; Empregados no Comércio de Aveiro, José Pereira; Ponte de Lima, José Lopes ao cadáver de António Duar.

Que altos motivos
Que fortes razões
levariam a

“Imprensa Nova” que atacou o
Polvo tentaculizado

a mudar o rumo à sua campanha?

Os vampiros
vampirinhos
e vampirões,

Os gajos
gajinhos
e gajões

devem a esta hora
estar contentíssimos!

Precisamente no momento
em que o povo

ROUBADO
ESPANCAO
TIRANISADO

mais necessitava de apoio contra os

Morhos-vampirões

DAS MOAGENS
DA FINANÇA
E DA LAVOURA

é que a «Imprensa Nova» numa atitude

SUSPEITA
DUVIDOSA
ESCANALOSA

se encolheu!

Em vez de como devia, e como publicamente se comprometeu, atacar

OS LADRÕES
OS MAGNATES
OS BANDOLEIROS

dedicou-se à tarefa

VIL
REPELENTE
CANALHA!

de bolar

INSÍDIAS
CALÚNIAS
MENTIRAS

contra o proletariado!

O JORNAL

INSUSPEITO
“DESASSOMBRADO”

E «HONESTO»
miseravelmente, impudicamente,

traíçoeramente
perante a maior ofensiva do

Polvo, aliado ao governo!

NOTAS & COMENTARIOS

Coerência...

O pessoal de redacção, revisão e administração do «Diário de Lisboa» solenizou anteontem, num jantar de confraternização, a sua obra de traição ao movimento de protesto contra o aumento do preço do pão. Houve discursos e elogio mútuo — porque todos durante a greve trabalharam que nem uns leões para furá-la. Quem se distinguiu no afan fatigante foi o sr. Pedro Bordon Pinheiro, motivo porque teve homenagem mais espalhafata. Devem estar contentes os redactores do «Diário de Lisboa», porque, certamente, em suas casas, o pão deve ser mais barato do que nos lares dos operários que lutaram pelo seu barateamento.

Paz! Paz!...

Os italianos iniciaram as suas operações contra a Grécia. Desses operações já resultaram quinze mortos e uma escola arruinada. Talvez por isso, o general que comanda as tropas italianas de desembarque, acentuou numa proclamação que a ocupação tem um caráter «pacífico».

Cheque de cruzado...

Pessoas, certamente pouco entendidas em questões de finanças, escreveram preguntando o que vem a ser o «cheque cruzado». Respondem gostosamente: é a maneira dos banqueiros que devem um dinheirinho ao pais e ao Estado pagarem todas as suas dívidas — com um cheque de cruzado...

Um gesto simpático

Uma comissão de operários em Loja fez fixar um manifesto recordando a administração dos trabalhadores europeus necessidade de entre si, abrirem uma subscrição a favor de «A Batalha».

Nesse manifesto recordava-se a ardente campanha feita por este jornal em defesa dos contratados. A subscrição realizou-se, tendo rendido a quantia de 337\$10, que o nosso correspondente em Loja se apressou em enviar.

O gesto, merece da nossa parte uma sincera congratulação, pois revela que os que se encontram nas plagas africanas não se esquecem das dificuldades monetárias em que nos debatemos para levar a cabo a nossa missão.

Saudações

Na última reunião das comissões políticas de Setúbal do Partido Republicano Radical foi deliberado saírem as classes trabalhadoras, reconhecendo o papel que elas tiveram no advento do regime e protestar energicamente contra as prisões, movidas ao proletariado por Antonio Maria da Silva.

As bebidas alcoólicas diminuí o seu consumo na Alemanha

BERLIM, 1.—Pelos estatísticas publicadas pelo Serviço de Estatística da Alemanha vê-se que nos primeiros 6 meses houve uma grandíssima diminuição em quase todas as bebidas alcoólicas, sobretudo a expensas da França, cujos vinhos e bebidas alcoólicas se encontram, quase completamente «boicoteados».

A falta do carvão

é devida à imprevidência do Comissariado dos Abastecimentos

Cada um diz de «sua justiça»

Desde há tempos que andamos preocupados em averiguar as causas que obrigam a uma falta de carvão em Lisboa, e, se possível fosse, conhecer pelos nomes os seus directos responsáveis; talvez um pouco ingrata, a que nos imponhamos, mas que temido algo havíamos conseguido saber para informarmos os nossos leitores e lhes apontar os ladrões da sua paciencia e bôla.

Estava indicado que deviamos começar o nosso inquérito pelo Comissariado dos Abastecimentos, organismo do Estado a quem está confiada a missão de providenciar (?) sobre todos os assuntos de abastecimento do país. Não seguimos, porém, este caminho por antecipadamente sabermos que os aumentos e os carvoeiros também: foi quando o preço do carvão passou de \$25 para \$35. Queremos facilidades nos transportes ferroviários e que nos paguem o que é devidamente preguntámos:

— Porque há escassez de carvão?

— O carvoeiro, sorrindo:

— É simples, muito simples. Os fornecedores não mandam vir carvão em quantidade suficiente, alegando que os caminhos de ferro que lhes não fornecem vagões; mas nós percebemos... O que eles querem é mais dinheiro, conforme dizem ter-lhe prometido o sr. Sá da Costa, há tempos. A nós também ele prometeu um aumentosinho, que não devemos nem mais claros.

— Procurámos um carvoeiro, e sem mais delongas preguntámos:

— Porque há escassez de carvão?

— O carvoeiro, sorrindo:

— É simples, muito simples. Os fornecedores não mandam vir carvão em quantidade suficiente, alegando que os caminhos de ferro que lhes não fornecem vagões; mas nós percebemos... O que eles querem é mais dinheiro, conforme dizem ter-lhe prometido o sr. Sá da Costa, há tempos. A nós também ele prometeu um aumentosinho, que não devemos nem mais claros.

— Sabímos, tinha dito de sua justiça. Na real deparamos com um negociante por grosso, feito novo rico por bárbario da guerra, que a nossa pregunta: Porque falta o carvão? nos respondeu enigmáticamente:

— Mas o senhor não sabe? Tem graca. Devia ter ido ao Comissariado dos Abastecimentos, a quem, aliás, informava convenientemente. Mas para não perder tempo eu lhe conto: os negociantes de carvão não são responsáveis pela sua actual falta que apenas é

OS GRANDES CRIMES

Mais uma guerra
Uma aventura criminosa e cobarde

Os chauvinistas, na sua sede de sangue e de glória lançam a Itália contra a Grécia indefesa

Mussolini é o espectro da guerra suspirado, que matara alguns inocentes e incendiara uma escola, as tropas italianas desembarcaram na ilha de Samos e ocuparam Corfú.

A imprensa italiana que tinha a dificuldade-lhe a respiração, a ameaça de óleo de ricino, do assassinato, da suspensão, acaba de ser definitivamente estrangulada. Mussolini ameaçou... ou ele serviu como um polícia político, ou é desfeita na fúria brutal dum decreto liberticida e venenoso. É claro que ela optará certamente pelo servilismo.

A mobilização começou. Duas classes da reserva vão ingressar no exército activo.

Se em vez da Grécia, fraca e exangue, fosse a França, militarmente forte e pionierada, Mussolini, bruto e cobarde, encolhia a farra e as unhas, e limitar-se-ia, talvez troca palavrões de notícias. Mas é a Grécia. E, portanto, é a guerra.

A Itália, pela vontade omnipotente de Mussolini, acaba de declarar guerra à Grécia.

O pretexto invocado para a declaração de guerra consiste no assassinato, cometido em território grego dum legado oficial italiano. Compunha-se ela dum general, dum major e dum sénior: estamos, em êrro—tenente. Os seus assassinos? Aqui mete Mussolini os pés pelas mãos, impinge aquelas patas enfiáticas e clássicas sobre as quais se bordam frases dum destemperado e imbecil patriotsmo.

A verdade porém restringe muito a visão que do acontecimento a mentira teceu. Cifra-se nisto: a Grécia é um país afazedo, esmorecido pela exploração e por uma série prolongada de guerras exortantes e infestes. Tem, entre a sua população, um misto de raças, de taras, e de ignorâncias, o que sinaliza duma porção irregular de indivíduos conhecidos por actos de bandoleirismo. Um bando desses—bandos que abundam na vizinha Albânia—matou os três italianos.

A Grécia oficial vencida, empobreida, desmantelada, deu humildemente desculpas. Mas, Mussolini que se quer adornar com os troféus fáceis dum vício imperialista e guerra, despreza as desculpas que eram positivas, e deliberou esta coisa estupenda—a guerra, estupenda e cobardissima, pois que a luta entre Grécia e a Itália é a renovação clássica do combate do gato sempre forte e vencedor, com o rato sempre fraco e vencido.

Basta de crimes. E toda a guerra de nação forte feita a nação fraca é um duplo crime que faz, com perigo de vidas, e de energias, um povo explorado, esmagado e trucidado outro povo explorado.

A ilha de Samos ocupada pelas tropas italianas

ROMA, 1.—As tropas italianas desembarcaram na ilha de Samos. De fonte fidígrada consta que está iminente o bloqueio de toda a costa grega pela esquadra italiana.

Recedem-se as mais graves consequências entre a Itália e a Grécia em consequência do massacre da missão italiana.

Corfú em poder de Mussolini — A mobilização

ROMA, 1.—As forças italianas desembarcaram em Corfú, que ocuparam. Duas classes da reserva do exército foram chamadas às fileiras. Todos estes movimentos de forças se realizaram imediatamente após a recepção da negativa formal da Grécia ao ultimátum da Itália.

— Porque não reiram os consignários as suas remessas?

— E um facto a

de interessante encontrámos, que mereceria ser registado.

Pelo braço do amigo lá subimos mais dois largos de escadas, no cimo da qual se nos deparou um letrero com estes dizeres: *Casa da Economia*. Chegamo-nos à porta e vimos que o rótulo encobria uma barbearia, com vários artigos de perfumaria e *toilette*, chapéus para damas, tabaco, garrafas e garrafas com vinhos de pasto, etc.

Não apreciamos nenhum dos artigos expostos, nem percebemos a intenção de tal economia.

Desemos novamente e fomos conduzidos às várias secções, através de estreitos e complicados corredores, encontrando nos mesmos várias creaçãos, com *alcoche* de cotim, que nos dizem serem pupilos do Instituto do Exército, onde o Comissário é ou foi qualquer coisa como tesoureiro e tem residência.

Numa sala comprida, a que chamam 2.ª Secção, encontramos um verdadeiro viveiro de petizes, todos pupilos, que debrucados sobre vários papéis trabalham ou fingem. Ao cimo da sala, escrevendo, um maior do exército é o chefe — que parece boa pessoa.

O nosso amigo informa-nos do regime de trabalho: impôsto à creanças pelo Comissário, que é simplesmente bárbaro e desumano: 9 horas consecutivas de serviço, entrando às 10 horas e saindo às 19, para lhes pagar 500\$00 por dia.

— Mas o Instituto não tem um conselho tutelar e pedagógico, que saiba e queira defender os interessados? — inquirimos. E que faz o ministro da Agricultura, se tem conhecimento deste desrespeito à lei de proteção aos menores?

— Em benefício de quem é feita a exploração dos rapazes, que a orfandade lança na miséria e sob a proteção do Estado?

Um encolher de hombros e um sorriso enigmático, do nosso amigo, foi a única resposta que obtivemos.

Era preciso pedir a entrevista ao sr. Sá da Costa, que seria rápida, pois apenas lhe fariamos a pergunta: «Porque há escassos de carvão?» registrando sem argumentar, as causas que nos fôssem dadas.

Um contínuo foi anunciar-nos ao sr. Sá da Costa; Os funcionários que tinhamos deixado em pequenos grupos nos corredores, como que impulsivamente pela mesma mola, encaminhavam-se para junto do gabinete do Comissário, comentando exaltadamente uma ordem de serviço, que classificavam de *bôbo* aos amigos, e esboçando várias ameaças, que nos pareciam justas.

O contínuo informa-nos que o sr. Comissário estava invisível e dava por si um tal sr. Durão, de quem já tínhamos informação de que não seria capaz de nos lucrar, embora se jate de conselheiro e braço direito do Comissário.

— E sobre carvão que deseja saber coisas? — disse-nos o nosso amigo — venha cá e deixe esse sr. Durão, que é duro como um pedrão.

Ali mesmo a um cantinho, são nos feitas estas afirmações, confirmadas por empregados:

— Quando era Comissário o sr. Falcão Trigo, e já quase nas vésperas da sua saída o Comissariado — fez um ano há dias — foi incumbido um funcionário dêste Comissariado de adquirir no Alemão o carvão necessário para garantir o abastecimento de Lisboa pelo menos seis meses, e ao mesmo elaborar um relatório indicando as medidas que julgasse necessárias para evitar a subida de preço dêste combustível, com a qual ameaçavam os negociantes e os carreiros.

O referido funcionário adquiriu alguns vagões de carvão, bastantes mesmos, mas foi pelo sr. Sá da Costa, mandado apresentar em Lisboa logo que este senhor tomou posse, sendo-lhe ordenado que terminasse com as compras.

As causas de tal ordem são ignoradas, sabendo apenas que o carvão comprado ficou no Barreiro a doze centavos (\$12) o quilo e que o comissário o está vendendo a \$30.

Um bem elaborado relatório, que até hoje não teve despacho, foi entregue pelo aludido funcionário, de forma que aos seus alívios nunca foi dada execução.

As medidas que tiveram sido tomadas, de há um ano a esta parte, só são quando os negociantes de carvão e carreiros vêm ameaçar o comissário com a sua falta; aumenta-se-lhe o preço e está achado o X.

— Porque há escassos de carvão em Lisboa? — perguntou porque o comissário que tem muita parte e pouca uva, nunca tomou medidas sérias sobre assuntos de abastecimento por ser artigo que desconhece não tendo nascido para estudos tão complexos, como são os de carácter económico. Acresce ainda o fato de serem de meia dúzia de círculos que diariamente o bajulam, fazendo-lhe acreditar que é um *super-homem*, capaz de coisas mais extraordinárias e inconcebíveis... O que elas necessitam é garantir choradas gratificações mensais, roubagas ao povo por intermédio dos Armaçons Reguladores.

— Mas então o Comissariado, nos géneros que vende ao público, não limita os seus lucros aos estabelecidos por lei?

— Não viu o preço do carvão, que é vendido com um lucro de 250 por cento, pois não é dos lucros mais exagerados. Mas se quiser saber coisas sobre Armaçons Reguladores, volte por cá que muito saberá.

Prometemos voltar. Passávamo-nos alguma coisa de anormal. Os funcionários, em grupos, protestavam contra uma determinação do sr. Sá da Costa, classificando-a de infame.

Retiramo-nos, convencidos que a falta de carvão resulta da improvidência do Comissariado dos Abastecimentos, que está convertido, presentemente, numa verdadeira casa comercial, tendo o público que o pagar mais caro.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

Nuevos Caminos

Recebemos deste grupo 20 folhetos para serem vendidos em favor de *A Batalha* sendo um de Lello O. Zeno «Problemas Universitários» e outro de José Torralvo «La Revolución».

Pede-nos aquele grupo para avisar-nos toda a imprensa operária e libertária que a sua sede é: O'Gorman, 266 — Avellaneda (F. C. S.) — Argentina.

TEATRO APOLO

Últimas representações das

Pupilas do Sr. Reitor

DEPOIS DE AMANHÃ

1.ª récita com o drama

em 5 actos intitulado

A Lei dos Morgados

AS GREVES

Pessoal da Exploração do

Pórtico de Lisboa

Os delegados da Federação Marítima, conjuntamente a comissão de melhorias da classe, encetaram já os seus trabalhos conducentes a conseguir que o Conselho de Administração defina a situação do pessoal, para que, em face da resposta obtida, se resolva o caminho a seguir.

Para tratar de assuntos que muito a interessam, volta a reunir hoje a classe, pelas 10 horas da manhã.

Maruços que recorrem à greve conseguem ver aumentada a sua remuneração

Anteontem, a requisição do mesmo Conselho foram trabalhar para o entre-posto de Santa Apolónia 41 marinhos, a quem pagaram o vencimento de 9\$00, o mesmo que percebia o pessoal em greve.

Ontem, porém, os marinheiros entenderam que não deviam receber tamanha remuneração pelo árduo trabalho que são obrigados a fazer e reclamaram que lhes fossem pagas 21\$00, conseguindo ver satisfeita a sua reclamação depois de terem feito greve de braços caídos durante duas horas e meia.

São mais 12\$00 que ficam recebendo diariamente, em relação ao salário do pessoal que o Conselho de Administração largou na greve por não estender as reclamações que o constante encarecimento dos gêneros essenciais à vida em demasia justificava.

Deve causar enguiços, este gesto, aos que, fiados na ferreia disciplina militar procuram jugular os justos movimentos operários recorrendo à gente de farda.

Para nós, éles, como outros que dia a dia se revelam, é um sinal indiscutível de que a ruídosas queda do sistema social que nos opõe não se fará esperar muito...

Pescadores

Após 90 dias de luta terminou a greve de pescadores na qual tomaram parte os maquinistas fluviais, fogueiros de mar e terra e pescadores. A greve terminou com a vitória para os grevistas com um aumento mensal de 10 escudos nas soldadas. Já retomaram o trabalho todas as tripulações, tendo de embarcado todos os amarelos.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de

Agosto. — Realiza-se hoje, às 21 horas, baile abrillantado por um terceiro.

Grupo Dramático «Os Combatentes». — Continuado da feira franca, concerto pelo Grupo Musical «O Laço Fraternal», seguido de baile até de madrugada.

Sociedade dos Calceteiros. — Hoje há baile dedicado aos sócios e suas famílias, abrillantado por uma troupe de bandolinistas.

Club Recreativo «Os Chorais». — Iniciam-se hoje as festas comemorativas da sua fundação, com o seguinte programa:

As 6 horas — Alvorada anunciada por uma salva de 21 morteiros. Às 12 horas — Distribuição de um bôlo de 2500 a 20 pobres; Às 14.30 horas, sessão solene dedicada às nossas congeneres, em que usarão da palavra representantes de várias colectividades e directores e sócios do Club; Às 15.30 horas — Matiné abrillantada por um quarteto e abertura de quermesse; Às 21 horas — Soirée à francesa abrillantada por um quarteto.

5.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

Usa a seguir da palavra Santos Arranha, representante da C. G. T., que analiza largamente a tese, à qual opõe algumas restrições. A seguir a uma réplica de José Martins, Arranha afirma que a classe dos mecânicos em madeira deve no futuro organizar-se à parte, visto ela ser subsidiária de várias indústrias. José Martins responde afirmando resultar perigos dos mecânicos em madeira se organizarem isoladamente. Na mesma ordem ideias fala Manuel Pires.

Martins propõe que os operários mecanicos de tanque sejam considerados tanqueiros e se agremiem nas associações da especialidade, baixando o assunto para estudo do conselho federal de tanqueiros. Aprovado por unanimidade.

A seguir é consultado o Congresso sobre se deve realizar sessão noturna. Falam Armando da Silva, Joaquim Martins e Adão.

E' nomeada a mesa para a próxima sessão.

6.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

Mais resolve a congresso que seja exequido em seguida a sessão noturna.

6.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

7.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

8.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

9.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

10.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

11.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

12.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

13.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

14.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

15.ª sessão

Preside José da Silva, secretariado por Acácio Inácio Tosta e Manuel Dornelas. E' lido um telegrama de saudação de Alcoaba.

Entre a discussão a tese sobre maquinaria na indústria, desenvolvimento da capacidade industrial e regulamento da aprendizagem.

Defendem-na Fausto Teixeira e José da Silva.

Os crimes da burguesia

Constituiu uma imponente manifestação de sentimento e protesto o funeral do mineiro que, em S. Pedro da Cova, foi cobardemente assassinado

PORTO, 30.—O enterramento do operário mineiro António Soares, canhão e covardemente assassinado pelo regedor de Fáuzeres, revestiu a maior imponência possível. Nessa derradeira homenagem prestada à vítima da reacção capitalista clerical de S. Pedro da Cova, a qual foi um dos maiores entusiastas da Associação dos mineiros, fizeram-se representar quase todas as colectividades sindicalistas do Porto, cujas bandeiras flutuaram aos ventos daqueles lugares em estado de sítio...

Foi um assombro! Járamos ali assistindo a um cortejo fúnebre de tamanha grandiosidade, já pela enorme encorpuração do operariado, já pelo respeito significativo que o tarjou.

O abade, esse roupeiro sinistro que é cúmplice moral do miserável assassinato em nome de Cristo e das empresas mineiras, remorrem os becos favosamente apalhado... Para que entérro não tivesse um carácter civil, não revestisse um acto eloquente de propaganda contra a farça católica-monárquica da cangalhada religiosa, rabiosamente suou justiça da família do extinto para conseguir que o pésito da vítima levasse as palhacissas fanáticas do Santo Ofício local.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de suinamente roçar à viúva que «se o entérro se não realizasse religioso, perante a igreja ela já nem seria viúva»; apesar de nojentamente urtar que ela, viúva, devia mandar realizar o enterramento católico para que o seu falecido marido pudesse ser recomendado a Deus, e, por ele padre, ser absolvido dos seus pecados...

Histórias de fél! Pelotões da religião que tanto a sujam com a sua baba peçonhenta...

Mas o entérro foi imponentemente civil, o que fez dar quatro pulos de macaco desesperado ao pulha do abade; mas o entérro da vítima do bandarilhão do regedor constituiu um facto brutal, embora sentidamente trágico e, na história da S. Pedro da Cova, emocionando toda a povoação.

Não o abade, que considera «pecados» os mineiros terem-se insurgido contra o roubo e malandrice das empresas e seus lacais diretores, não pode meter bico naquele quadro triste, não pode conseguir que nélle fizessem os milhares do jesuitismo que pairam sobre S. Pedro da Cova...

E' verdade que o hipócrita jarrão da igreja apostólica romana proibiu, por revindica, que os sinos repicassem à passagem do funeral e encerrou as portadas das janelas do seu palácio para que não encarasse com a horripilante heresia...

Olha que diferença... que abalo deu à consciência humana...

E' ainda não satisfeito com a sua cabiloie, lotólesca, e não podendo perdoar aos delegados do Porto o terem contribuído com a sua propaganda para a reorganização dos mineiros, no sermão de domingo o abade estendeu a sua língua de colareja, babaçoou uma infernal catadupa de sandices, de perigosos sifilíticos sobre a ignorância dos fieis, recomendando-lhes cautela com os agitadores, a quem teatral e burlescamente lançou a sua excomunhão... Nada com os que vão à Associação dos Mineiros, nada com os agitadores do Porto...

Nem uns e outros precisam de ter relações com a negra imbecilidade dos turos da sotaina e seus acólitos...

No entanto, o cortejo fúnebre chegou ao seu fatal destino. E junto do coval, a perpétua morada da vítima do bandarilhão do regedor de Fáuzeres, usaram da palavra Ribeiro Dias e Felisberto Baptista, pela Delegação Confederal do Norte; Santos Viseu, pela U. S. O.; e Luís António de Carvalho, pela Federação das Juventudes Sindicais.

Quando Santos Viseu estava no uso da palavra, fustigando a canhaldaria que flagela o operariado de S. Pedro da Cova, que 4 cavalos levavam quatro burros armados, e que antes se acuavam por detrás da igreja, entraram pelo adro dentro em direcção ao cemitério, alim de espalharem o terror e impedirem a propaganda revolucionária.

Não o conseguiram, porém, porque, a despeito das correrias que as mulheres amedrontadas fizeram, o povo conservou-se no cemitério e os oradores malharam, embora o rotundo padre se arrefesse imenso com isso, no temboso fisco de missas, rezas, rosários, hóstias e água de pia—que bons lucros dão aos intruções que vivem da estupidez humana...

Toda a força pretoriana que se en-

Gama

GRANDE VARIÉDADE

— DE —

Bilhetes, fracções e cauteis

para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$50 para registo

Fornece para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua Amparo, 51 — Lisboa

Impressor

Aprendiz com prática, precisa-se, Ave-

nida 5 de Outubro, C. T. (ao Campo Grande).

2-8-1923

FOLHETIM DE «A BATALHA»

— N.º 5 —

NA PRISÃO

POR

MAXIMO GORKI

V

Dois anos mais tarde, colocou-o em mãos e de seus olhos semi-velados, típica continuação a coser, a fazer flores, a fazer meias; trabalhava sem descanso. O filho chegou a soldado. Mas, um dia, um oficial inferior, tendo-se rido de sua mãe que ele adorava, não pôde conter-se e levantou a mão contra o superior, durante o exercício. Para o punho, mandaram-no para o batalhão disciplinar: três anos, sem que por isso o isentassem do seu tempo de serviço regulamentar. E, por fim, alcançou ele esse lugar na prisão; alguém fez admitir a velha cega em um asilo, mas lá mesmo, ainda fazia meias para seu filho...

— Que mulher! — dizia Micha si-

próprio. — Quanto amor e quanto tra-

balho na sua vida! Como isso era sim-

ples e comovedor!

Pensava nos olhos tristes e perpétuos do bixigoso, na sua voz afável...

Mas o que há de bom em tudo isto?...

Onde está o resultado deste amor e destruído trabalho, se o filho é, apesar de tudo...

Um murmúrio interrompeu a sua me-

moia...

— Malinine!

Micha saltou da cama; no postigo brilhava o olho inquieto do guarda.

— Que dizes tu? — perguntou o ve-

loho.

— Eu? Nada! — respondeu Micha com espanto.

— Mas eu ouvi...

— Foi sem o querer, provavelmen-

te...

— Ah! Tem cuidado... É' preciso ter cuidado.

Durante muitos meses, ele não pôde encontrar trabalho; teve de viver das esmolas recolhidas por sua mãe. Depois ele ficou completamente cega, e, por fim, alcançou ele esse lugar na prisão; alguém fez admitir a velha cega em um asilo, mas lá mesmo, ainda fazia meias para seu filho...

— Que mulher! — dizia Micha si-

próprio. — Quanto amor e quanto tra-

balho na sua vida! Como isso era sim-

ples e comovedor!

Pensava nos olhos tristes e perpétuos do bixigoso, na sua voz afável...

Mas o que há de bom em tudo isto?...

Onde está o resultado deste amor e destruído trabalho, se o filho é, apesar de tudo...

Um murmúrio interrompeu a sua me-

moia...

— Malinine!

Micha saltou da cama; no postigo brilhava o olho inquieto do guarda.

— Que dizes tu? — perguntou o ve-

loho.

— Eu? Nada! — respondeu Micha com espanto.

— Mas eu ouvi...

— Foi sem o querer, provavelmen-

te...

— Ah! Tem cuidado... É' preciso ter cuidado.

Durante muitos meses, ele não pôde encontrar trabalho; teve de viver das esmolas recolhidas por sua mãe. Depois ele ficou completamente cega, e, por fim, alcançou ele esse lugar na prisão; alguém fez admitir a velha cega em um asilo, mas lá mesmo, ainda fazia meias para seu filho...

— Que mulher! — dizia Micha si-

próprio. — Quanto amor e quanto tra-

balho na sua vida! Como isso era sim-

ples e comovedor!

Pensava nos olhos tristes e perpétuos do bixigoso, na sua voz afável...

Mas o que há de bom em tudo isto?...

Onde está o resultado deste amor e destruído trabalho, se o filho é, apesar de tudo...

Um murmúrio interrompeu a sua me-

moia...

— Malinine!

Micha saltou da cama; no postigo brilhava o olho inquieto do guarda.

— Que dizes tu? — perguntou o ve-

loho.

— Eu? Nada! — respondeu Micha com espanto.

— Mas eu ouvi...

— Foi sem o querer, provavelmen-

te...

— Ah! Tem cuidado... É' preciso ter cuidado.

Durante muitos meses, ele não pôde encontrar trabalho; teve de viver das esmolas recolhidas por sua mãe. Depois ele ficou completamente cega, e, por fim, alcançou ele esse lugar na prisão; alguém fez admitir a velha cega em um asilo, mas lá mesmo, ainda fazia meias para seu filho...

— Que mulher! — dizia Micha si-

próprio. — Quanto amor e quanto tra-

balho na sua vida! Como isso era sim-

ples e comovedor!

Pensava nos olhos tristes e perpétuos do bixigoso, na sua voz afável...

Mas o que há de bom em tudo isto?...

Onde está o resultado deste amor e destruído trabalho, se o filho é, apesar de tudo...

Um murmúrio interrompeu a sua me-

moia...

— Malinine!

Micha saltou da cama; no postigo brilhava o olho inquieto do guarda.

— Que dizes tu? — perguntou o ve-

loho.

— Eu? Nada! — respondeu Micha com espanto.

— Mas eu ouvi...

— Foi sem o querer, provavelmen-

te...

— Ah! Tem cuidado... É' preciso ter cuidado.

Durante muitos meses, ele não pôde encontrar trabalho; teve de viver das esmolas recolhidas por sua mãe. Depois ele ficou completamente cega, e, por fim, alcançou ele esse lugar na prisão; alguém fez admitir a velha cega em um asilo, mas lá mesmo, ainda fazia meias para seu filho...

— Que mulher! — dizia Micha si-

próprio. — Quanto amor e quanto tra-

balho na sua vida! Como isso era sim-

ples e comovedor!

Pensava nos olhos tristes e perpétuos do bixigoso, na sua voz afável...

Mas o que há de bom em tudo isto?...

Onde está o resultado deste amor e destruído trabalho, se o filho é, apesar de tudo...

Um murmúrio interrompeu a sua me-

moia...

— Malinine!

Micha saltou da cama; no postigo brilhava o olho inquieto do guarda.

— Que dizes tu? — perguntou o ve-

loho.

— Eu? Nada! — respondeu Micha com espanto.

— Mas eu ouvi...

— Foi sem o querer, provavelmen-

te...

— Ah! Tem cuidado... É' preciso ter cuidado.

Dur

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

Q.	5	12	19	26	HOJE O SOL
S.	6	13	20	27	Aparece às 6,06
S.	7	14	21	28	Desaparece às 19,07
S.	8	15	22	29	FASES DA LUA
D.	9	16	23	30	Q. M. da 5 às 12,47
S.	10	17	24	25	N. 10 às 1,16
T.	11	18	25	26	S. 17 às 12,04

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,52 e às 7,13

Baixamar às 0,02 e às 0,22

CAMBIOS

Países	Moe-das	Ao	Ontem
	par	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	825	
Austria	Coron	131,1	
Bélgica	Francos	17,5	18,001
Eslováquia	Coron	26,57	29,914
U. S. A.	Dólares	62,4	21,653
Francia	Francos	17,8	12,021
Holanda	Florins	57,2	8,517
Inglaterra	Liras	48,0	105,900
Itália	Liras	17,8	8,419
Suíça	Francos	817,5	5,837

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
• Ussaram, Southampton, Rotterdam e Hamburgo.	2
• Flândria, Las Palmas, Pernambuco, Baia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.	3
• Andes, Madeira, Pernambuco, Baia Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.	4
• General San Martin, portos do Brasil e Argentina.	5
• D'Entraust, portos do Brasil e Argentina.	6
• Funchal, Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial.	7
• Moscú, Vigo e Bordes.	8
• Lutetia, Vigo e Bordes.	9
• Massilia, portos do Brasil e Argentina.	10
• Africano, Madre, S. Tomé, Loango, Lobito, Moçambique, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e trás-oceano.	11
• Lisboa, Tenerife, Las Palmas, Monrovia, Grand Bassa, e Boma.	12
• Darro, Rio de Janeiro, Santos e Buenos Aires.	13
• General Belgrano, portos do Brasil e Argentina.	14
• Lutetia, portos do Brasil e Argentina.	15
HORARIO DOS COMBOIOS	25

Paris-Cádiz-Londres

Partida Sud-Express às 12-23—Chegada às 19-40. (Diário).

Madrid-Paris (Directo)

Partida do Rossio às 11-10 (as segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).—Chegada às 15-15 (as segundas, quartas e sextas feiras, com lugares de luxo).

Pérou-Galiza

Partida do Rossio às 3-4, 10-10 e 21-0. Chegadas às 17-30, 18-17 e 21-18. (República).

Partida do Rossio às 11-10 (as segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).—Chegadas às 15-15 (as segundas, quartas e sextas feiras, com lugares de luxo).

Eivissa, Badajoz e Sevilha

Partida do Rossio às 21-30.—Chegada às 6-45.

C. Branco, Covilhã e Guarda

Partida do Rossio às 9-40 e 21-30.—Chegadas às 5-30 e 17-30.

Torres, Caldas, Figueira, Alfarcos e Fórtio

Partidas do Rossio às 8-15 e 17-10.—Chegadas às 0-14 e 9-55.—Directo as Caldas: Partida às 19-10.—Chegada às 10-28.

Mendas Novas e Vila Real de Santo António

Partida do Terreiro do Paço às 5.—Chegada às 22-0.

Sintra

Partidas do Rossio às 8-15, 17-10 e 21-0. Chegadas às 16-00, 17-00 e 18-00.

Partidas do Trajano às 6-00, 7-00, 8-30, 9-30, 10-30, 13-30, 16-30 e 17-30.

As quintas-feiras há uma carreira para a Trajano às 12-30 e, aos domingos, carreiras consecutivas.—60 ida ou volta.

Adega-leira

Partida do Cais do Sodré às 17-20.

Partida da Adega-leira às 8-40.

Tráfaris

Partidas de Belém às 6-00, 8-00, 9-00, 10-00, 11-00, 13-00, 16-00, 17-00 e 18-00.

Partidas de Trajano às 6-00, 7-00, 8-30, 9-30, 10-30, 13-30, 16-30 e 17-30.

As quintas-feiras há uma carreira para a Trajano às 12-30 e, aos domingos, carreiras consecutivas.—60 ida ou volta.

Aguas, corvejas e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A

LISBOA

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

AQUÁRIO VASCO DA GAMA.—Fundado em 1906.

ARQUEOLÓGICO.—Largo do Carmo.

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA.—Rua do Arco a Jesus.

ARTILHARIA.—Largo do Museu de Artilharia.

COLONIAL E ETNOGRAFICO.—Rua dos Santos.

ETNOLÓGICO PORTUGUÊS.—Edifício dos Jerónimos, Belém.—Todos os dias.

FOLHARIA ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DU BOUCAGE.—Escola Politécnica.—Quintas feiras das 10-00.

NACIONAL AGRÍCOLA.—Tapada da Ajuda.

MISERICÓRDIA.—Largo da Misericórdia.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA.—Rua das Necessidades.

NACIONAL DE COCHES.—Praça Afonso de Albuquerque.

NACIONAL DE MARINHA.—Largo da Caxafaz.

NACIONAL DE MUSEUS.—Largo da Caxafaz.

NACIONAL DE PINTURA.—Rua das Necessidades.

NACIONAL DE SCENAS.—2º pavimento.

PRAZARIA ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

SALÃO DE EXPOSIÇÕES.—Praça Afonso de Albuquerque.

SALÃO DE EXPOSIÇÕES.—Praça Afonso de Albuquerque